

RESENHA DO LIVRO: UMA HISTÓRIA SOCIAL DO MORRER, DE ALLAN KELLEHEAR¹

Thiago Elias Ribeiro
Especialista em Gestão Escolar
Secretaria de Educação do Espírito Santo
(thiagoer@yahoo.com.br)

O livro **Uma história social do morrer**, de Allan Kellehear, foi lançado no Brasil em 2016, pela editora Unesp, com tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. Foi escrito originalmente sob o título em Inglês *A Social History of Dying*, com primeira edição em 2007 pela Cambridge University Press. Kellehear inicia sua exposição buscando identificar e descrever os padrões principais do morrer ao longo da história. Começa pela “Idade da pedra”, passa pela “Idade pastoril”, atravessa a “era da cidade” e termina na “Idade cosmopolita”. Seu livro é dividido em quatro capítulos, os quais propiciarão uma visão diacrônica do tema em estudo.

O sociólogo inicia suas observações na “Idade da pedra” para analisar as primeiras impressões sobre a relação do homem com a mortalidade. O primeiro apontamento de Kellehear acerca desse período está na distinção entre homens e animais quanto à conscientização da mortalidade. O autor cita experiências visando mostrar que, por mais que os animais até demonstrem saber sobre a possibilidade da mortalidade, só o homem tem o entendimento pleno da caminhada para a morte. Para ele, “esse entendimento fundamentalíssimo do morrer possibilita a todos nós vermos ocasionalmente como ‘gente morrente’” (p. 37). A partir daí, pode-se procurar compreender o comportamento humano no sentido de tentar lidar com seu inevitável fim. Em seguida, o sociólogo discorre sobre quando, de que formas e em que tempo a morte sobrevinha para os homens da idade da pedra. De forma geral, a morte vinha de uma mescla de doenças, desnutrição e trauma; majoritariamente de forma repentina, com poucos casos de mortes lentas provocadas por infecção, câncer ou doença cardíaca. Acredita-se que, já nessa época, os homens esforçavam para dar sentido à morte e ao ato de morrer, porém tal sentido estaria mais relacionado a uma experiência pós-morte.

¹ Esta resenha constituirá um capítulo de minha dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

Kellehear afirma que foi a partir da idade da pedra que a consciência da morte da humanidade começou a caminhar para antecipar e imaginar o morrer. Tudo isso fica evidenciado por meio de antigos desenhos rupestres e ritos fúnebres que apontam para a descrição da morte como viagem social do espírito humano. No entanto, toda preparação ligada ao morrer estava atada não ao morredio, mas aos sobreviventes que eram responsáveis por cuidar para que o morto fizesse sua viagem ao outro mundo.

Na segunda parte do livro, “A idade pastoril”, Kellehear analisa de que forma o sedentarismo – na aceção de moradia fixa – contribuiu para um morrer mais lento, gerando mais expectativa de vida. A relação com os mortos parece ter contribuído para a fixação em acampamentos: “o apego aos mortos, o desenvolvimento da identidade por referência aos ancestrais e a identificação pessoal e grupal que essas duas ideias possibilitavam podem, deveras, ter levado alguns grupos a criarem ‘base’ antes de se dedicarem à agricultura” (p. 136). No entanto, essa fixação teria contribuído para o surgimento de ambientes propícios para o desenvolvimento de doenças e epidemias que modificariam como as pessoas se comportariam e o modo de morrer até a cidade moderna. Mesmo com ambientes propícios para o surgimento de doenças diversas, a mortalidade infantil teve uma queda considerável e (aliada a um aumento da taxa de natalidade) pode ter contribuído para um crescimento constante da população na época pastoril.

Para Kellehear, a principal distinção entre os dois períodos é que, na sociedade pastoril, as pessoas podiam ver a morte chegar, uma vez que antes eram os sobreviventes que participavam do processo de morrer. Agora, os morrentes tomavam parte ativa nesse breve e derradeiro período de vida. Esse fato contribuiu para que as pessoas pudessem observar, orar, tentar uma resistência ou até mesmo ritualizar o evento. Com isso, houve uma mudança na forma como a morte era encarada, pois deixou de ser uma experiência desse mundo e passou a se direcionar para uma jornada ao além. Nesse contexto, surge o conceito da “boa morte” que seria, devido às mortes mais tardias, uma possibilidade de programar-se para o momento e essa preparação passa a envolver não só os familiares mais próximos, mas o próprio morrente.

No terceiro capítulo, Kellehear analisa como o crescimento das cidades contribuiu para a modificação na relação do homem com a morte nesse período. No

contexto da cidade, ganha destaque a relevância de três profissionais no processo da morte e do morrer, diferentes dos amigos e parentes: o médico, o sacerdote e o advogado. Há de se observar que isso serve para uma classe média urbana e contribui para algumas mudanças que atingem a “boa morte”, tais como a influência desses três profissionais no morrer. Isso significou certa imposição para que se buscassem vantagens especiais na vida e na morte com a aquisição desses serviços. Contudo, isso permitiu uma busca para uma tentativa de adiamento do fim da vida: “Morrer continuou sendo uma experiência prolongada, mas a ascensão das cidades e dos profissionais por elas engendrados difundiu essa experiência do morrer demorado” (p. 258). Mesmo com essa expectativa de driblar a morte, a vida urbana também trouxe doenças que contribuíam para o óbito de boa parte da população. As cidades eram espaços propícios para o desenvolvimento de diversas epidemias, como a peste negra. Além disso, o modo de vida da classe média, por exemplo, permitiu o avanço de doenças coronárias e do câncer, sendo essas patologias provocadoras de um morrer lento e doloroso.

Segundo Kellehear, “o fatalismo e a aceitação da morte, tão comuns entre povos pastoris familiarizados com o morrer e com a brevidade da vida em geral, não foram adotados pela classe média de existência mais longa e profissionalmente atendida” (p. 264). O processo de preparação para uma “boa morte” estava sendo radicalmente modificado pela ascensão dessas moléstias que afetavam sobremaneira o corpo e a mente das pessoas.

Quanto mais se desenvolvia a classe média nas cidades, mais aumentava a presença do médico no leito de morte. Toda essa tentativa de enfrentar a morte usando todas as “armas” de então gerou um novo conceito: a morte administrada: “a morte administrada é uma morte ‘em equipe’; é um morrer que só pode ser qualificado de ‘bom’ se a luta for travada por todos” (p. 269). A consciência do morrer, aliada a uma morte mais prolongada, em geral dolorosa e às vezes assustadora, criaram a necessidade de planejar a resolução de problemas econômicos, jurídicos e médicos antes desse derradeiro momento. Se se levar em conta que a história do morrer sempre foi muito diferente para as classes sociais alta e média das cidades, vê-se aí um aspecto social que deixa de ser uma questão doméstica da família e da comunidade próxima, como antes na boa morte, e passa a significar um problema

público administrativo e privado, que requeria uma observação maior por parte de diversos profissionais.

Nota-se, que a morte ganha uma dimensão tão grande quanto a vida. Essa preocupação leva as pessoas a firmarem testamentos que eram uma garantia da imortalidade, uma vez que neles estabelecia-se, dentre outras coisas, a criação de túmulos memoráveis, funerais e outros prédios públicos. A ausência de tempo ou preparativos para o momento da morte pode significar que ela seja ruim ou mal administrada, o que leva a uma preocupação da sociedade urbana que é tentar “domá-la”, como se fosse um animal selvagem que pudesse ser domesticado, tentativa que parece reger essa relação até os dias de hoje, como afirma Kellehear: “domar a morte passou a ser a obsessão da classe média e depois se disseminou à medida que a modernidade se disseminava na sua imagem. Domar a morte veio a ser a nossa herança moderna” (p. 309). Falar em “domar” a morte dá uma ideia de que ela é “selvagem”, portanto sugere o caráter imprevisível e inesperado desse fenômeno que afeta tanto os morrentes quanto os vivos que tem que lidar com a morte das outras pessoas.

No último capítulo, Kellehear trata sobre a morte na atualidade, ao que ele chama de “Idade cosmopolita”. O sociólogo inicia sua exposição apresentando características e conceitos que fazem com que o período citado seja denominado pós-modernidade ou Idade cosmopolita, como prefere chamar.

Para Kellehear, essas e outras características sociais e culturais dos tempos atuais geraram uma alteração considerável no relacionamento com a religião e, conseqüentemente, no modo como passou a conceitualizar uma viagem ao além-mundo ou uma boa morte. A crescente descrença em Deus ou em uma ultravida leva as pessoas a imaginarem um simples reencontro com entes queridos, por vezes sem a presença de um Deus. Também como característica importante desse mundo globalizado tem-se uma grande afetação nas mortes alheias, pois o viver e o morrer do outro interferem no viver e no morrer de cada um. Há ainda a presença de muitas epidemias e um índice elevado de suicídio, sobretudo em idosos de países ricos. Segundo Kellehear, no mundo cosmopolita já não há necessariamente mortes boas ou bem administradas, em virtude de doenças da idade ou da AIDS, o que gera um modo de morrer desonroso.

Com isso, tem-se um novo conceito apresentado que Kellehear denomina de “morte indigna”. Essa definição estaria ligada a uma pessoa estigmatizada que seria, então, “excluída” de uma aceitação social plena. Há ainda uma preocupação de quando seria o tempo certo da morte. Se estaria na morte “natural”, ou seja, na velhice. Porém, o avanço da idade das pessoas trouxe consigo uma preocupação que tornar-se-á o principal desafio dos morrentes no século XXI da idade cosmopolita. Se não se sabe qual é o tempo certo do morrer e nem quando ela irá chegar, faz-se necessário estar preparado para ela por meio da programação da morte.

A obra de Allan Kellehear traz uma importante contribuição para os estudos e a compreensão da morte e do morrer, sobretudo na sua escolha em retratar o assunto desde a origem da história da humanidade até os dias atuais.

Dados da obra resenhada: KELLEHEAR, A. **Uma história social do morrer**. I. ed. Trad. Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 15.

Recebido em 23 de março de 2017
Aprovado em 01 de setembro de 2017